



A bolha

Autor: Sérgio Peixoto Mendes

Se o pior cego é aquele que não quer ver, o pior necessitado é aquele que não sabe pedir. Isso mesmo, estou falando dos orgulhosos, dos autoritários, daqueles que sempre mandaram e que, em momentos de extrema necessidade, não percebem que o contexto mudou. Uma sombra magricela do passado, um esqueleto minguado de soberba, insiste em ficar de pé, e atira para todos os lados, afastando de fato todos os que de boa vontade poderiam ajudá-lo. Quem já não conviveu, pelo menos alguns instantes, com aquela pessoa que se torna quase insuportável quando está doente? Não pede e cobra. Adoece seguidamente e não muda. A vida, que a vezes utiliza-se de meios nem sempre muito explícitos, aponta-lhes diariamente um novo caminho, mas, as mudanças não ocorrem. O cego se fecha para a nova realidade que se apresenta e se esconde na sua própria cegueira.

A soberba torna a visão seletiva e a real necessidade passa incólume diante dos olhos dos orgulhosos. O orgulho é uma pedra no sapato e afeta a qualidade da caminhada. Assim, da mesma forma que a soberba afeta uma pessoa, ela afeta também toda uma nação. A soberba é cultural, o orgulho também. Mas a lei é de causa e efeito e aquelas pedras atiradas no telhado alheio, caem, mais cedo ou mais tarde, nas nossas próprias cabeças. Chama-se de "depressão" ao momento em que os nossos próprios tiros atingem a nossa gente. A vida ensina: o atirador e o alvo não se distinguem no longo prazo. O barco é o mesmo, e o "furo" aparecerá, fatalmente, sob os nossos próprios pés.

A bolha infla, ela é o planeta. A bolha explode, é o fim. Mas, ainda resta alguma esperança e ela depende de uma boa dose de humildade para espantar de vez esta soberba insustentável dos mandões.

Sérgio Peixoto Mendes, filósofo.
Contato: tell@philoterapia.com.br